FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

228

INSCRIÇÕES 797-798



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a: fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



797

ÁRULA ROMANA DE DRAGOS, PODENTES, PENELA

(Conimbriga, conventus Scallabitanus, provincia Lusitania)

Foi identificada à entrada da vila de Podentes, em setembro de 2020, numa vinha localizada junto à EM 570 e à qual se associa o microtopónimo Dragos, uma árula romana fragmentada que jazia junto a um anexo agrícola. A descoberta foi realizada por Roger Parsons, morador de Podentes, de nacionalidade inglesa, entusiasta da defesa do património arqueológico e bom conhecedor da realidade local¹.

O arqueossítio com correspondência ao microtopónimo tem surgido identificado nos inventários arqueológicos como Quinta de São Domingos (CNS:24964), com referências a abundante presença de material cerâmico romano, designadamente *tegulae* (Vicente *et al.* 2010). Na realidade, os vestígios arqueológicos de superfície abundam na zona, desde a parte baixa da vila, popularmente designada por Vale ou Valbom, passando pela Quinta de São Domingos, até à área agora referida por Dragos. E o achado que ora se apresenta, pela

¹ Cumpre-nos agradecer a comunicação pronta do presente e de outros achados, bem como enaltecer a sua permanente e militante vigilância sobre os arqueossítios da freguesia. Cabe-nos, ainda, enaltecer a atitude abnegada do proprietário do prédio agrícola, o Sr. Álvaro Marques Simões, residente em Coimbra, que doou ao Museu da *Villa* Romana do Rabaçal as peças identificadas no seu terreno, incluindo a que agora se estuda.

sua natureza excecional, robustece a informação, avançada pelos historiadores Salvador Dias Arnaut e Pedro Dias (1983: 62) de se encontrar reutilizado no pelourinho manuelino da vila um fuste de mármore, entre outro material, que entendiam ter sido (...) reaproveitado de um qualquer edificio antigo, em ruínas, de origem romana.

Os vestígios aludidos, que integram uma quantidade significativa de cerâmica de construção e de cerâmica comum, a par da coluna marmórea do pelourinho – cujo contexto original não seria, decerto, distante do atual núcleo habitado –, bem como a área ampla da sua dispersão e características fisiográficas desse contexto, apontam para um assentamento rural que corresponderá a uma *villa*. Acresce que, recentemente, na sequência desta descoberta, e após contacto com o proprietário do terreno, foi possível realizar algum trabalho de prospeção nos terrenos da vinha que recentemente se replantou, de que resultou a identificação de cerâmica de construção e de uso comum, de um fragmento de *terra sigillata* hispânica (forma Drag. 30), bem como de um peso de tear e de pedaços de mó de arenito.

A árula ([20,7]x14,3x9,6 cm), de calcário oolítico regional – a área de exploração mais próxima do local do achado é nas Malhadas - apresenta-se incompleta, fragmentada transversalmente, restando incólume o coroamento (7,1x14,3x9,6 cm) e uma parte do seu corpo medial (13,6x12,3x8,9 cm). O cimácio é caracterizado pela ausência de fóculo, permitindo o prolongamento da aresta do fastigium triangular entre as faces anterior e posterior da peça, configurando um volume prismático ladeado por *pulvilli* circulares que encerram uma cornija lisa de diminuta altura. Ambos os pulvilli se encontram danificados, estando o direito extensamente destruído, tendo configuração mais íntegra na face posterior, apesar da lascagem na extremidade, que igualmente afeta o do lado esquerdo, todavia apenas esmurrado na face anterior, à semelhança do frontão. A ligação ao fuste faz-se com um cordão que corre ao longo das quatro faces da árula e que nem sempre conserva intacta a configuração curva por via do desgaste abrasivo decorrente da reutilização deste fragmento da peça. Este tipo de dano é mais evidente nas faces anterior e posterior, não só na moldura, mas também junto à linha de fratura que afetou o fuste, tornando-se por demais evidente que esse desgaste resulta da utilização da peça fragmentada como calce móvel para a porta da construção de apoio agrícola junto da qual se identificou, que se fazia arrastar pelo pavimento de cimento. Este aspeto claramente provocou o desaparecimento de mais uma linha de texto que parcialmente remontava a linha de fratura, uma vez que esta tê-la-á igualmente afetado sobretudo no lado esquerdo, considerando o seu correr enviesado, descendente para a direita. Este corte originou a perda da parte inferior do fuste e da base.

Não encontramos na epigrafia urbana de *Conimbriga* paralelo direto para esta morfologia específica de pequeno altar, mas não se encontra distante de produções lusitanas imperiais, mesmo que em matéria distinta, como se topa, por exemplo, na região de Cáceres (v. g. Gamer 1989, CC9), embora a tendência de esquematização do coroamento se vislumbre na cidade (v. g. Gamer 1989, BEL 18 = FC II 36) em cronologia mais avançada.

A execução geral não se afigura primorosa, mas está longe de ser tosca, dando como resultado uma peça bem proporcionada, que acolheu o texto votivo na face anterior do corpo central. Para além da fratura referida que o secciona, vê-se também alterado por dissolução no canto superior esquerdo, a qual afeta a conservação do início das linhas de texto. O trabalho de acabamento da peça percebe-se extensível à totalidade das faces, embora não se conserve imaculado devido aos múltiplos arranhões e desmantelos que afetam a peça e que a baixa dureza da matéria do suporte não previne.

PRO SALVTE / AVILIAE / [AN]TESTIAE / [---

Pela incolumidade de Avília Antéstia, [---

Altura das letras: 1. 1: 1,4/1,6; 1. 2: 1,5; 1. 3: 1,6/1,7.

Margem superior: 0,5; margem inferior: -; margem esquerda: 0,5; margem direita: 1/4,2. Espaços: 1: 0,5; 2: 0,5.

O texto, apenas parcialmente conservado ao nível das três primeiras linhas, adivinha-se paginado com alinhamento à esquerda, apesar da degradação que a superfície epigráfica, correspondente à face anterior do corpo da árula, apresenta precisamente nesse setor. A paginação fez-se com recurso a caracteres capitais alongados de módulo contido, considerando as dimensões gerais da peça. Ainda assim não é perfeita, olhando à necessidade que houve, por exemplo, de

estreitar o par de letras finais da terceira linha. Não obstante, os carateres mais bem conservados permitem destacar a procura de requinte na escrita, com recurso a serifas nas extremidades dos sulcos de gravação, mais claros nos AA, EE, LL, II, SS e V. A incisão dos carateres foi realizada em bisel, como de forma mais notória espelham os que mais bem se conservam nas diferentes regras. Na primeira, os quatro primeiros carateres encontram-se bastante alterados pela dissolução superficial da superficie epigráfica, mas identificam-se sem dificuldade de maior, à exceção do primeiro, do qual permanecem vestigiais setores da haste e do arrangue da pança. Na intermédia, também as primeiras quatro letras se apresentam mais sumidas, mas as marcas visíveis decorrentes da gravação da superfície original apoiam a leitura realizada. Maior dificuldade pode surgir na terceira, que felizmente se encontra mais bem conservada e a exigir apenas aclaração para os dois primeiros carateres cuia restituição é auxiliada pelo facto de aí se ter gravado cognome inusitado, havendo inclusive, no início da linha, indício de feição sulcada que associamos resultante de haste inclinada para a frente.

No respeitante ao *ductus*, este afigura-se um pouco irregular, mas respeitando uma geral configuração de carateres esguios, mais altos que largos. Não obstante, a haste do E da segunda linha, por exemplo, tem uma clara configuração côncava não visível nos restantes. Mas também as barras dos T apresentam convexidade ligeira. É, ainda, de destacar o desenho dos SS com curva superior mais ampla que a inferior.

Trata-se de um testemunho votivo que associamos a um dos assentamentos de povoamento rural disperso da *civitas* de *Conimbriga*, uma *villa*, decerto, como acima se expôs. Mas desconhecemos qual a divindade associada a esta dedicatória concretizada *pro salute* de uma mulher, com estatuto de cidadã romana, e quem está por trás da realização, pois certamente não será a própria, mas alguém que lhe seria próximo.

A identificação de *Avilia Antestia* está de acordo com a nomenclatura quiritária feminina, duonominal. O *nomen gentilicium*, claramente latino, documenta-se com grafia geminada e, como no caso vertente, simples. *Avil(l)ia/us*, já tem documentação na Lusitânia, no vizinho território de *Seillium (CIL* II 335), e nas restantes províncias ibéricas, apesar de raro. Na *Baetica*, a forma feminina conhece-se em Córdoba com grafia não geminada (*CIL* II²/7, 251) e a masculina atesta-se também aí (*AE* 2003, 922), tal como em Écija (*AE* 2006,

647, 648 e 649) e em Sevilha (*CIL* II 1215), neste caso também em grafia simples. Na *Citerior*, documenta-se em Lugo (*AE* 2007, 783), em El Burgo de Osma (*ERPSoria* 85), com grafia simples em ambos os casos, a mesma que surge numa série de marcas de TS, por exemplo, em *Pisoraca*, *Pallantia*, *Valdegovia* ou *Tarraco*. Em Picote, a forma feminina, igualmente sem geminação consonântica, surge isolada (*AE* 1987, 569), num ambiente distintamente rural, sendo difícil de aclarar que função onomástica deteria, embora não se enjeite a gentilícia (Redentor, no prelo).

O cognome corresponde à adoção de um conhecido *nomen* latino (v. g. Abascal 1994; Solin & Salomies 1988) para essa função, recurso onomástico que não é inusitado nos meios provinciais, como o lusitano. Não obstante, a adaptação deste gentilício em concreto documenta-se pela segunda vez nas Hispânias, pois afigura-se plausível tal uso em inscrição bética de *Carteia* (*HEp* 2006, 128). Outros exemplos se somam à escala imperial, como, a título de exemplo, o caso dálmata de um veterano, *C. Valerius Antestius* (*CIL* III 1574) ou, em terras itálicas, o de uma *Pomponia Antestia* no *Misenum* (*CIL* X 3519), ou ainda, da *Mauritania Caesariensis*, o de uma *Cornelia Antestia* (*CIL* VIII 20965a).

As dedicatórias pro salute não são numerosas na Lusitânia, onde se verifica recaírem, sobretudo, em deidades romanas que revestem natureza ou faceta salutífera, dispondo relativamente ao bem--estar físico e psíquico, não se considerando as que visam o imperador ou a sua *domus*. À cabeça encontra-se Júpiter, avultando como a divindade que mais se invoca neste sentido (CIL II 177; CIL II 606; AE 2012, 686), embora outras concitem igualmente interesse. È o caso de deidades ligadas às águas, como Fontanus e Fontana (CIL II 150 = IRCP 438), Fons (ILER 541), as Nymphae (CIL II 168 = IRCP 569), mas também de outras mais abstratas ainda que personificadas, seja a Salus (IRCP 375), seja Victoria (AE 1980, 549). Igualmente deidades indígenas, como Endovellicus (CIL II 134; CIL II 5207 = IRCP 508) ou uma identificada pelo epíteto Baraeco (dat.) (CIL II 5276), e orientais como o deus Invictus ou Mithra (CIMRM-1, 794 e 795), neste caso apenas em Augusta Emerita. Não é obrigatório que o nome divino conste do texto, embora seja comum que assim aconteça. O contexto da dedicatória pode importar neste caso. Olhando a realidade lusitana, há também exemplos de omissão da divindade (v. g. FE 285 = AE 2000, 684; HEp 1989, 105). Na ciuitas de Conimbriga, este é primeiro testemunho desta fórmula associada às inscrições de caráter votivo.

Quem foi esta *Auilia Antestia*? Não dispomos de outros dados para além do seu nome gravado neste suporte epigráfico, que nos reporta para uma cidadã romana que poderá relacionar-se com a família proprietária da *villa* assentada em Dragos, sendo que não se haviam ainda documentado *Auil(l)ii* em território de *Conimbriga*.

Considerando as caraterísticas paleográficas e o uso da locução formular, bem como a morfologia do suporte e o contexto arqueológico, a epígrafe será datável entre os meados dos séculos II e III.

BIBLIOGRAFIA

ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) – Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania. Murcia; [Madrid]: Universidad, Secretariado de Publicaciones; Universidad Complutense. (Anejos de Antiguëdad y Cristianismo; 2).

AE = L'Année Épigraphique. Paris: PUF.

Arnaut, Salvador Dias; Dias, Pedro (1983) – *Penela, História e Arte.* Penela: CM Penela.

CIL = Corpus Inscriptionum Latinarum, consilio et autoritate Academiae litterarum regiae Borussicae editum. Berolini, 1863-.

CIMRM = Vermaseren, Maarten Jozef (1956-1960) – Corpus Inscriptionum et Monumentorum Religionis Mithriacae. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers.

ERPSoria = JIMENO, Alfredo (1980) – *Epigrafia romana de la provincia de Soria*. Soria: Diputación.

FC = ÉTIENNE, R.; FABRE, G.; LÉVÊQUE, P. e M. (1976) – Fouilles de Conimbriga, II: Épigraphie et Sculpture. Paris: De Boccard.

Gamer, G. (1989) – Formen römischer Altäre auf der Hispanischen Halbinsel. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (Madrider Beitrage; 12).

HEp = *Hispania Epigraphica*. Madrid: Archivo Epigráfico de Hispania, Universidad Complutense.

Pessoa, Miguel (1986) — Subsídios para a Carta Arqueológica do período romano na Área de Conimbriga. *Conimbriga*. 25. Coimbra. p.53-73.

Solin, H.; Salomies, O. (1988) – *Repertorium nominum gentilicium et cognominum Latinorum*. Hildesheim [etc.]: Olms. (Alpha-Omega: Lexika, Indizes, Konkordanzen zur klassischen Philologie, Reihe A; 80).

VICENTE, Sónia; SANTOS, Ricardo; PESSOA, Miguel (2010) – Carta

Arqueológica do Concelho de Penela: Estudo Prévio. Penela: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico. Câmara Municipal de Penela.

SÓNIA VICENTE Armando Redentor



Fig. 1 - Árula de Dragos: alçado principal (© Flávio Simões).



Fig. 2 - Imagem do modelo 3d da árula de Dragos: face anterior (© Flávio Simões).



Fig. 3 - Imagem do modelo 3d da árula de Dragos: face lateral direita (© Flávio Simões).



Fig. 4 - Imagem do modelo 3d da árula de Dragos: face posterior (© Flávio Simões).



Fig. 5 - Imagem do modelo 3d da árula de Dragos: face lateral esquerda (© Flávio Simões).



Fig. 6 - Imagem do modelo 3d da árula de Dragos: topo (© Flávio Simões).



Fig. 7 - Panorâmica de Dragos, o local de achado (© Armando Redentor).

798

ESTELA FUNERARIA DE LOS TERMINOS, MONROY, CÁCERES

(Conventus Emeritensis)

Situada a unos 35 km al norte de Cáceres y en las proximidades del parque natural de Monfragüe, se encuentra la localidad de Monroy. De allí proceden un interesante conjunto de inscripciones romanas que deben estar en relación con la existencia de un poblamiento en *villae rusticae*, como la localizada en "Los Términos", entre las que destacan, además de varias dedicatorias funerarias, dos aras votivas a *Bellona* y a *Iuppiter Solutorius* y otra a una divinidad indígena cuyo teónimo está incompleto¹. La *villa* se encuentra situada al NW del casco urbano de Monroy y a una distancia del mismo de 4 km. Está en el paraje denominado los Términos, muy cercano a la línea que separa los términos municipales de Monroy y Talaván.

Este yacimiento fue objeto de una primera campaña de excavaciones en 1971 llevadas a cabo por el profesor Rodríguez Hernández, del Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Salamanca; y a comienzos de la década de los 80 del siglo pasado se hace cargo de los trabajos de campo el Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Extremadura, bajo la dirección del profesor Enrique Cerrillo Martín de

Sobre las inscripciones de Monroy véase: ESTEBAN ORTEGA (Julio), Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres I. Norba (CILCC I), Cáceres 2009, números 227 a 232.

Cáceres². Los trabajos dirigidos desde la Universidad de Extremadura se iniciaron en 1981 y duraron ininterrumpidamente hasta 1989 con campañas anuales en el mes de julio, excepto en 1983 que se realizó otra en el mes de noviembre. La última intervención arqueológica dirigida por la arqueóloga Da Carmen Pérez Maestro se desarrolló en el sector NO del *cohors* de la *villa* romana³. De esta última intervención arqueológica procede la estela que presentamos y que se encuentra depositada en el Museo de Cáceres. No de inventario DO008133

Apareció adosada al muro sur de cierre de la estancia 11, sirviendo como escalón de acceso a la misma. Estaba tumbada boca arriba dejando visible el texto.

Se trata de un bloque de pizarra gris claro de tendencia rectangular con la superficie alisada. Está partida en la parte superior, que presenta numerosas aristas, y el extremo inferior biselado, seguramente para ser hincada en cabecera de la sepultura. La rotura afecta al texto que está incompleto. Por toda la superficie se aprecia abundante repiqueteado, que se hace más intenso en la zona del neto inscrito.

Dimensiones: 133 x 35 x 29 cm.

[...]S / ALLVQI · F(ilius) / HIC · SIT/VS · EST

El texto, distribuido en cuatro líneas, ocupa el tercio superior, dejando sin grabar una amplia área de la estela. Las letras, con *ductus* irregular y talladas muy toscamente, son capitales rústicas algo alargadas, que no siempre mantienen la verticalidad. Los signos de interpunción se distinguen con dificultad y pueden confundirse con el repiqueteado que se extiende por todo el neto inscrito.

La tosquedad en el grabado del texto y el material empleado – pizarra – sugiere el trabajo de un particular sin experiencia que elaboró un epitafio bastante simple. La paginación es muy deficiente, pues hay un corte en la palabra SITVS. No hay homo-

² Cerrillo Martín Cáceres (Enrique), La villa romana de "Los Términos", en Monroy (Cáceres), Cáceres 1983.

³ Pérez Maestro, C. (2009): Excavación arqueológica en el yacimiento arqueológico Villa Romana de Los Términos de Monroy, (Cáceres). Memoria de excavación (inédita).

geneidad en la altura de las letras.

Se conmemora en la inscripción a un individuo cuyo nombre se ha perdido. Si, como pensamos, el trazo curvo que se aprecia en la primera línea corresponde a la S final de la terminación de un nominativo en —us, solo hay espacio, como mucho, para un nombre de cinco letras. Puesto que el texto aconseja un antropónimo indígena, se nos ocurren algunos nombres con cinco letras, como *Anius*, documentado en inscripciones de las cercanas localidades cacereñas de Santa Marta de Magasca⁴, Garrovillas⁵ y Madrigalejo⁶; *Calus*, en Valdefuentes (*CILCC* I, 379), Villamesías⁷ o Valencia de Alcántara (*CILCC* I, 387); *Cilus*, en Trujillo⁸; o el más raro *Cibus* de Torre de Don Miguel⁹.

El antropónimo de la filiación, *Alluqius*, es exclusivo de Lusitania, pues sus testimonios epigráficos, salvo excepciones, se concentran en una franja de terreno que traza una diagonal desde la zona más meridional y oriental de la provincia de Cáceres hasta el distrito portugués de Viseu, pasando por Castelo Branco y Portalegre. El núcleo más importante es, sin duda, el cacereño, de donde proceden una decena de inscripciones que mencionan este nombre en sus diferentes formas: *Allucquius*, *Alluquius*, *Alluquius*, *Alluquius*, *Alluquius*.

Por la simpleza del texto y la fórmula funeraria en desarrollo sin la fórmula propiciatoria se corresponde con una inscripción temprana que se fecharía a principios o mediados del siglo I d. C.

> Julio Esteban ortega José Miguel González Bornay

⁴ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres II. Turgalium* [CILCC II], Cáceres 2012, nº 704.

⁵ CILCC I. 205.

⁶ CILCC II, 620.

⁷ ESTEBAN ORTEGA (Julio), «La estela de *Calus* en Villamesías, Cáceres», *Ficheiro Epigráfico* 181, 2019, nº 679.

⁸ ESTEBAN ORTEGA (Julio), «Estela de *Cilus* en Trujillo (Cáceres)», *Ficheiro Epigráfico* 158, 2017, nº 626.

⁹ ESTEBAN ORTEGA (Julio), Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres IV. Caurium, Cáceres 2016, nº 1293.





798